

Todo místico é um sedento. Uma hermenêutica da sede, na crônica “Ato gratuito”, de Clarice Lispector

Dênis Cândido da Silva *

Então a sede estranha e profunda me apareceu...

Resumo

O presente artigo busca apresentar alguns traços da concepção de mística como sede, na crônica “Ato gratuito”, de Clarice Lispector. Segundo Michel de Certeau, todo místico carrega uma sede profunda. O relato da experiência mística é feito através de metáforas, pois o acontecimento místico foge a qualquer definição. A imagem da sede, paradigma de um desejo que cria excesso e faz exceder, resulta de uma enigmática ausência ou falta que o místico sente dentro de si e que o impele a buscar.

Palavras-chave: Mística, sede, desejo, busca, Clarice Lispector.

Abstract

This article seeks to present some features of the concept of mysticism as the thirst of Clarice Lispector's chronicle “Ato gratuito”. According to Michel de Certeau, every mystic has a deep thirst. The mystical experience is described thru metaphors, for the mystical experience is beyond definition.

* Sacerdote da Diocese de Luz MG; bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Claretiano em 2017; Especialização em “Pastoral numa Igreja em saída” pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia em 2019. Atualmente pároco da Paróquia São Roque em São Roque de Minas MG e cursa disciplinas isoladas na Faje em vista do mestrado em Teologia.

The image of thirst, as a paradigm of a desire that creates an excess and makes it to exceed, is the result of an enigmatic absence or lack that the mystic person feels within himself and that impels him to seek.

Keywords: Mystique, thirst, desire, search, Clarice Lispector.

Introdução

Neste ano 2020, por coincidência um ano densamente carregado de angústias, celebra-se o centenário do nascimento de Clarice Lispector (10/12/1920). Clarice e seu pensamento inquietante estão além de qualquer definição. A linguagem mística está presente em vários de seus escritos. Diferente dos grandes místicos dos séculos XVI e XVII, que habitavam em conventos e carmelos, Clarice pode ser definida como uma mística fora dos muros, que mora em apartamento no caos de um grande centro urbano. Na linguagem de Michel de Certeau, Clarice é uma "selvagem", "errante", "buscadora". Uma mística fora da instituição. É possível ainda falar de mística na sociedade moderna? O que caracteriza o homem moderno como místico?

1. Uma hermenêutica da sede

Clarice Lispector, na crônica "Ato gratuito", define tal ato como "o oposto da luta pela vida e na vida. Ele é o oposto da nossa corrida pelo dinheiro, pelo trabalho, pelo amor, pelos prazeres, pelos táxis e ônibus, pela nossa vida diária enfim, - esta é toda paga, isto é, tem o seu preço" (LISPECTOR, 2018, p.490). Na linguagem de Clarice, o ato gratuito seria esse "improvisado" que ajuda viver, ou que salva a vida. Sem experiências gratuitas, a vida seria insuportável.

Segundo Michel de Certeau:

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior (CERTEAU, 2013, p. 31).

Clarice tem consciência desse “peso” que é a vida. Existir pode até ser fácil, viver não. “Viver não é vivível”, como dizia ela. É necessário ter consciência dessa cotidianidade que por vezes nos impede de viver. Clarice chama atenção para uma experiência que é o avesso da vida cotidiana. Às vezes, pensamos que o oposto da vida é a morte e no fundo, o oposto da vida é a repetição, *mesmice*, o modo automático (industrial) de viver. Tudo na vida tem um preço. A sociedade moderna nos transforma em pessoas excessivamente repetitivas, cansadas e conseqüentemente ansiosas e infelizes. O cotidiano se tornou monótono, sem surpresas, sem gratuidades. Tomamos o mesmo café, fazemos o mesmo caminho para o trabalho, sentamos à mesa sempre do mesmo lado, ouvimos sempre as mesmas músicas, rezamos sempre as mesmas orações.

Segundo Lima Vaz, “uma das experiências mais constantes e mais profundas do homem, é a realização da própria vida. Sendo para ele um desafio permanente, é, ao mesmo tempo, uma tarefa nunca acabada: é o risco de ser ou não-ser” (VAZ, 2013, p. 146). Há uma grande diferença entre existir por existir e existir com sentido. Assim, o místico está em busca de um existir com sentido, por isso, o cotidiano por si só não basta.

Há no relato de Clarice, uma necessidade de fuga e de busca por algo maior. Clarice se depara com o seu cansaço existencial:

“Eu estava simplesmente exausta de morar num apartamento. Estava exausta de tirar ideias de mim mesma. Estava exausta do barulho da máquina de escrever. Então a sede estranha e profunda me apareceu. Eu precisava – precisava com urgência – de um ato de liberdade: do ato que é por si só. Um ato que manifestasse fora de mim o que eu não precisava pagar. Não digo pagar com dinheiro, mas sim, de um modo mais amplo, pagar o alto preço que custa viver” (LISPECTOR, 2018, p.490).

A linguagem cotidiana aqui descreve o cotidiano com extrema precisão: “eu estava simplesmente exausta”, “morar num apartamento”, “tirar ideias de mim mesma”, “barulho da máquina de escrever”, “pagar o alto preço que custa viver”. No contexto da “pós-modernidade”, Clarice se sente fragmentada e beirando ao “Burnout”. Em seu linguajar nos faz perceber que jamais seremos perfeitos, pois a experiência mística não é uma experiência da perfeição, mas de ruptura com o cotidiano.

Era uma “sede estranha e profunda”. O que diferencia essa sede de Clarice de outras sedes? Por que é uma sede “estranha e profunda”? Interessante observar que a palavra ‘estranho’ tem a mesma raiz que a palavra extra, ou seja, algo que está fora, que não faz parte. Essa sede estranha (anormal) de Clarice não deixa de ser um “estranhamento fascinante”.

No livro *A paixão segundo GH*, Clarice nos fala novamente de sua sede: “o que me aliviava como a uma sede, aliviava-me como se durante

toda a vida eu tivesse esperado por uma água tão necessária para o corpo eriçado como é a cocaína para quem a implora” (LISPECTOR, 1991, p. 68). Clarice é uma mulher sedenta, mas consciente de sua sede. Todos somos sedentos, mas qual sede? Sentimos sede quando tomamos consciência daquilo que nos falta.

O discurso místico é por natureza densamente metafórico, pois o místico vive em permanente êxodo. A figura do desejo criando excesso e fazendo exceder, decorre de uma enigmática ausência ou falta originária que os místicos sentem no âmago de seu ser e que os impele a ir em busca. Michel de Certeau recorre a uma diversidade de metáforas e imagens para expressar a incessante busca dos místicos e místicas; por exemplo, a “nostalgia/saudade” sentida pelos místicos, “andante/peregrino” no processo de ruptura com o cotidiano. A imagem da sede, no texto de Clarice Lispector, é aplicável aqui como sintoma dessa ausência fundamental. O místico é habitado por uma “presença ausente”.

Segundo José Tolentino Mendonça:

Falar da sede é falar da existência real e não da ficção de si a que tantas vezes nos acomodamos. É iluminar uma experiência, mais do que um conceito. É deixar expressar-se o corpo que somos, na sua leveza e no seu peso, na sua unidade e nos impasses que o dividem, no entusiasmo e na frustração, na fadiga e no júbilo de ser. É encetar uma auscultação profunda da vida. A sede exprime-nos – havemos de descobrir (MENDONÇA, 2018, p. 52).

O místico é alguém que lida sempre com uma sede profunda, uma falta, uma ausência, um “Outro”. Tem algo, mas ao mesmo tempo não tem. Parece ser física (é uma sede), mas também é psíquica, coloca o aparato psíquico para funcionar, é pura pulsão desejando se satisfazer. E só quem a sente, tem consciência do que a despertou. A sede é pessoal, individual. Continua Tolentino: “mas pode acontecer que tenhamos a maior dificuldade em admitir sequer que estamos sedentos. Tudo parece correr sem especiais sobressaltos. Por isso reagimos com estranheza e nos perguntamos: mas sedentos de quê? De quem?” (MENDONÇA, 2018, p. 52). Procuramos explicações científicas, clínicas, psicológicas, psiquiátricas para aquilo que é maior do que nós e que habita em todos nós.

Clarice não explica sua sede, pois a experiência mística está justamente na sede, naquilo que me provoca e de certa maneira me incomoda. É somente uma “sede estranha e profunda”, causa desconforto, me arranca e me desinstala. “O desejo cria um excesso”. Mais do que saciar nossa sede, é necessário escutá-la.

A sede também é bíblica. “A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo” (Sl 42,2). Jesus, nas Bem-aventuranças, nos lembra que somente os que tem fome e sede serão saciados (Mt 5,6). Teresa D’Ávila, na sua obra *Caminho de perfeição*, no capítulo XIX, comenta que a sede exprime o

desejo de algo, mas um desejo tão intenso que pereceremos se dele nos privamos. “É o desejo de uma coisa que nos faz grande falta, tanta que, totalmente privados dela, perdemos a vida” (TERESA DE JESUS, 1995 p.374-375). Michel de Certeau, por sua vez, descreve a mesma realidade como um intenso desejo, ou seja: a profunda necessidade humana de preencher um vazio metafísico para tornar-se pleno. Em Lacan, “o desejo do homem é o desejo do Outro” (Lacan 1962-1963/ 2005, p. 32). Desejamos o que o outro deseja de nós e isso é infundável. O desejo está sempre tentando saciar-se, mas isso é ontologicamente impossível. O desejo busca àquilo que não se pode possuir que é justamente o sentido. Nada pode preencher essa falta. Nada pode saciar essa sede.

“Eu ia ao Jardim Botânico para quê? Só para olhar. Só para ver. Só para sentir. Só para viver”. Olhar, ver, sentir. Verbos que “visam o sentido” (CERTEAU, 2015, p. 84). Ver para Clarice sacia e ameniza a angústia. Jesus, no evangelho de Mateus, diz a seus discípulos: “olhai as aves do céu.... olhai os lírios do campo” (Mt 6,26-29). Mestre que eu veja, pediram os muitos cegos que Jesus encontrou pelo caminho. O grande teólogo Baptist Metz diz: “aquele que diz a palavra Deus não precisa fechar os olhos” (METZ, 2013, p. 103). A experiência mística de Clarice passa justamente pelos sentidos. “A oração habita cada um dos nossos sentidos” (MENDONÇA, 2016, p. 30). Na maioria das vezes, vemos de maneira apressada, e não conseguimos ver que o mistério nos “rodeava”. Não há experiência mística que não passe pelos sentidos. Ver é de uma certa forma, rezar. “Onde não há distância, onde o sentido é estável, não há mistério. É preciso haver espaço para surpresas” (JOSGRILBERG, apud CERTEAU, 2002, p.111). Há uma deficiência de experiência mística no homem contemporâneo, porque há uma atrofia dos sentidos. A fé não pode ser abstrata, tem que tocar a vida. Quando foi que olhamos de verdade? Quando foi que vimos de verdade? Quando foi que sentimos de verdade? E quando foi que vivemos de verdade?

Na contemporaneidade, na cidade que habitamos, nos próprios lugares que frequentamos, precisamos adquirir um “olhar estrangeiro”. É aquele mesmo olhar de quando viajamos para um lugar que ainda não conhecemos. É importante ver o lugar onde habitamos como “estrangeiro”. Quantas vezes fomos a um jardim e não olhamos, não vimos, não sentimos e, conseqüentemente, não vivemos.

Segundo Michel de Certeau:

Caminhar é ter falta de lugar. É o processo indefinido de estar ausente e à procura de um próprio. A errância, multiplicada e reunida pela cidade, faz dela uma imensa experiência social da privação de lugar- uma experiência, é verdade, esfarelada em deportações inumeráveis e ínfimas (deslocamentos e caminhadas), compensada pelas relações e cruzamentos desses êxodos que se entrelaçam, criando um tecido urbano, e posta sob o signo do que

deveria ser, enfim, o lugar, mas é apenas um nome, a Cidade¹ (CERTEAU, 2014, p.170).

O olhar místico, poético, teológico não vê somente árvores, sombras, “baratas”. Que nome terá esse mistério para Clarice? Deus não está confinado no céu ou nos templos, mas está presente em todas as coisas. “O divino para mim é real” (LISPECTOR, 1991, p. 172):

O mistério me rodeava. Olhei arbustos frágeis recém-plantados. Olhei uma árvore de tronco nodoso e escuro, tão longo que me seria impossível abraçá-lo. Por dentro dessa madeira de rocha, através de raízes pesadas e duras como garras – como é que corria a seiva, essa coisa quase intangível que é a vida? Havia seiva em tudo como há sangue em nosso corpo (LISPECTOR, 2018, p.491).

O homem contemporâneo da “sociedade do cansaço” (CHUL, 2017) se dessensibilizou. Os nossos sentidos, adoeceram. Perdemos nossa capacidade de espanto. Enxergamos, mas não vemos. Perdemos nossa capacidade de nos encantar. “A rotina não basta ao coração do homem. O grande desafio é, a cada dia, voltar a olhar tudo pela primeira vez, deslumbrando-se com a surpresa dos dias” (MENDONÇA, 2016, p. 17). Precisamos do pão que é fruto de nosso trabalho, mas também precisamos das rosas. A vida tem que exalar, provocar espanto. Só será místico na atualidade quem conseguir se espantar.

Em Clarice os sentimentos se confundem, como se confundem também nos grandes místicos: perder, encontrar. O jardim provoca um desejo de se perder ou talvez, de se encontrar: “Eu andava, andava. Às vezes parava. Já me afastara muito do portão de entrada, não o via mais, pois entrara em tantas alamedas. Eu sentia um medo bom – como um estremecimento apenas perceptível de alma – um medo bom de talvez estar perdida e nunca mais, porém nunca mais achar a porta de saída”. (LISPECTOR, 2018, p. 491) Como o medo pode ser bom?!

Segundo Josgrilberg:

O lugar, é o ponto de partida para um *itinerário*. Não marca, ao contrário do que se possa pensar, a conquista ou chegada a uma revelação estável, o fim da viagem. O lugar é, para Certeau, o início da caminhada. (...) O lugar determina o início de um trabalho de busca de Deus, *desejo* de Deus, mas não posse de Deus. Deus permanece sempre além de onde Ele é procurado, ou seja, Estrangeiro (JOSGRILBERG, 2002, p. 112).

¹ CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. 22ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

Contudo, essa “experiência epifânica” de maravilhamento, é uma experiência individual, não é coletiva. Toda experiência mística é uma experiência singular. Depende do estado em que me encontro, do lugar em que me encontro e do momento em que me encontro. Clarice reforça tal pensamento: “De propósito não vou descrever o que vi: cada pessoa tem que descobrir sozinha. Apenas lembrarei que havia sombras oscilantes, secretas. De passagem falarei de leve na liberdade dos pássaros. E na minha liberdade. Mas é só” (LISPECTOR, 2018, p. 491).

Desse modo, por mais que Clarice descreva sua experiência, ela será sempre maior do que aquilo que temos acesso. O sentir é sempre singular. O sofrer também é. A palavra é limitada diante da experiência vivida. A experiência mística é muito maior do que aquilo que a palavra consegue expressar. Os grandes místicos viviam esse drama. Por mais que tentassem descrever o que experimentavam sempre esbarravam na limitação da palavra, “mas não é isso”. Este é o movimento do Desejo principalmente na neurose histérica.

Experiência mística semelhante à de Clarice, talvez seja aquela vivenciada por Marcel Proust com suas *madeleines* narrada no livro *Em busca do tempo perdido*:

Mas no mesmo instante em que aquele gole, de envolta com as migalhas do bolo, tocou o meu paladar, estremeci, atento ao que se passava de extraordinário em mim. Invadira-me um prazer delicioso, isolado, sem noção da sua causa. Esse prazer logo me tornara indiferente às vicissitudes da vida, inofensivos os seus desastres, ilusória a sua brevidade, tal como o faz o amor, enchendo-me de uma preciosa essência: ou antes, essa essência não estava em mim; era eu mesmo. Cessava de me sentir medíocre, contingente, mortal. De onde me teria vindo aquela poderosa alegria? Senti que estava ligado ao gosto do chá e do bolo, mas que o ultrapassava infinitamente e não devia ser da mesma natureza. De onde vinha? Que significava? Onde aprendê-la? Bebo um segundo gole em que não encontro nada demais que no primeiro, um terceiro que me traz um pouco menos que o segundo. É tempo de parar, parece que está diminuindo a virtude da bebida. É claro que a verdade que procuro não está nela, mas em mim² (PROUST, 2006, p. 71-72).

Por mais que eu queira vivenciar novamente tal experiência isso não será possível. A primeira marca psíquica, dizia Freud, é um registro do significante no inconsciente. Lacan diz do objeto a que faz furo no sentido, no ser, na alma. Por mais que se deseja obter o mesmo prazer da primeira experiência esta já está perdida, ou registrada na memória. Percebemos isso no relato de Proust e também em Clarice. “O chão estava às vezes coberto de bolinhas de aroeira, daquelas que caem em abundância nas

² PROUST, Marcel. *Em Busca do Tempo Perdido*. Volume 1. No Caminho de Swann. São Paulo: Globo, 2006. pp. 71 e 72.

calçadas da nossa infância e que pisamos, não sei por que, com enorme prazer. Repeti então o esmagamento das bolinhas e de novo senti o misterioso gosto bom” (LISPECTOR, 2018, p.492). Tanto em Clarice como em Proust há uma memória marcante guardada. Talvez nossas experiências místicas estejam adormecidas em nossas memórias e precisem simplesmente serem despertadas.

Conclusão

Tentar concluir algo em Clarice Lispector beira ao desrespeito. Clarice é “estrangeira” (ucraniana, judia, nordestina, carioca etc), “errante”, “selvagem”. Ela habitou vários mundos. Há muitas “Clarices” em Clarice. Mistério é um dos adjetivos que melhor a define: “sou tão misteriosa que não me entendo” (LISPECTOR, 2016, p.127). Esse “grande Outro” que os místicos falam, esse estranho que não conhecemos, essa sede que carregamos, talvez sejamos nós mesmos em busca de nós mesmos. “Por que eu sou o outro. Por que eu quero ser o outro” (LISPECTOR, 2016, p. 387).

Clarice tem a capacidade de despertar em nós nossas sedes mais profundas. Ler Clarice é sentir sede, ou pelo menos tomar consciência da sede que nos habita. Perguntas e não respostas surgem do contato com os seus textos: O que é vida? Para onde vamos? Deus existe? Por que morrer? São perguntas feitas pelos poetas, pelos místicos e pelas crianças. Encontrar a fonte (ou o chafariz, na crônica de Clarice) é tomar consciência de que a nossa sede é muito maior. Como diz José Tolentino de Mendonça: “sabemos interpretar a água. Mas como interpretar a nossa sede?” (MENDONÇA, 2018, p. 53).

Para Michel de Certeau: “é místico aquele ou aquela que não pode parar de andar e que, com a certeza do que lhe falta, sabe de cada lugar e de cada objeto que não é isso, que não se pode residir aqui nem se contentar com isso. O desejo cria um excesso. Ele excede, passa e perde lugares. Ele faz ir mais longe, alhures. Ele não mora em parte alguma” (CERTÉAU, 2015, p. 481). Talvez, mais importante do que caminharmos em busca de uma fonte (como no caso de Clarice), precisamos caminhar em busca de nossa sede.

Referências

ALMEIDA, Gabriel Antunes Ferreira de. Mística como poética social. A fábula de Michel de Certeau. *Teoliterária* v.9, n.17, 2019.

CERTÉAU, Michel de. *A fábula mística séculos XVI e XVII*: Volume I. Rio de Janeiro: Forense, 2015.

JESUS, Teresa de. *Caminho de perfeição*. Obras completas. São Paulo: Loyola, 1995, p. 371-377.

JOSGRILBERG, Fábio B. Michel de Certeau: a "teologia da diferença" e a missão cristã. *Caminhando*, vol. 7, n.2, 2002. In: 1477-2788-1-PB (1).pdf (acessado em 10.12.2020).

_____. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 22ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

LACAN, J. *O seminário: Livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

LISPECTOR, Clarice. *Todas as crônicas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo GH*. 16ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991,

MENDONÇA, José Tolentino. *A mítica do instante: o tempo e a promessa*. São Paulo: Paulinas, 2016.

_____. *Elogio da sede*. Portugal: Quetzal. 2018.

_____. *Libertar o tempo: para uma espiritualidade do tempo presente*. São Paulo: Paulinas, 2017.

_____. *Uma beleza que nos pertence*. Portugal: Quetzal. 2019.

METZ, Johann Baptist. *Mística dos olhos abertos*. São Paulo: Paulus, 2013.

PROUST, Marcel. Em Busca do Tempo Perdido. Volume 1. *No Caminho de Swann*. São Paulo: Globo, 2006.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Antropologia Filosófica*. V. II. São Paulo: Loyola, 2013.